



**BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p009-021](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p009-021)

**ENTRE BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA POPULAR, CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE**

BETWEEN BLESSINGS, DELIVERANCES AND CURES:
POPULAR CULTURE, SCIENCE AND SPIRITUALITY

ENTRE BENDICIONES, LIBERACIONES Y CURAS:
CULTURA POPULAR, CIENCIA Y ESPIRITUALIDAD

*Profª Drª Adiana Maria Ferreira Barbosa Coutinho Chaves**

*Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral ***

RESUMO

Este artigo explora o papel das benzedeiras na interseção entre cultura, religião e medicina popular, com base em trabalhos científicos já desenvolvidos por autores brasileiros, como Alberto Quintana e Gilson Xavier de Azevedo, entre outros que serão abordados no desenvolvimento do trabalho. O artigo identifica o locus socioantropológico das benzedeiras ao analisar suas práticas como dimensões sociais sedimentadas no processo histórico-cultural e religioso que persistem e integram a sociedade contemporânea erudita. Utilizamos uma abordagem qualitativa de ordem bibliográfica e hermenêutica, sobre a temática de práticas de benzeção em diversas regiões do Brasil, especificamente no Nordeste. O trabalho demonstra como essas personagens mantêm relevância e resistência em um contexto marcado pela institucionalização da saúde e da religião. As benzedeiras, embora

* Doutora em Educação (UFPE, 2019), com estágio pós-doutoral em Ciências da Religião (UNICAP, 2025). Mestre em Educação (UFPE, 2008) e Licenciada em Filosofia (2005). Docente universitária em disciplinas filosóficas e educacionais. Pesquisadora especializada em Filosofia da Educação, Multiculturalismo, Formação Humana, Alteridade, Espiritualidade e Ética. E-mail: adriana.coutinho.chaves@gmail.com.

** Doutor (2001) e Mestre (1993) em História pela UFPE, Licenciado em Filosofia pela UNICAP (1984). Com estágio pós-doutoral em Ciências da Religião (PUC MG). Professor Titular da UNICAP, ex-coordenador da Graduação em História e do PPGCR. Editor-gerente da Revista Paralellus, membro do Grupo de Pesquisa em História Social. Especialista em História do Brasil Contemporâneo e relações Estado-Igreja. E-mail: newton.cabral@unicap.br.



marginalizadas pelos agentes oficiais do sagrado e da ciência, atendem a demandas cotidianas não abarcadas pelas estruturas formais da sociedade, reforçando sua permanência como agentes de cura e significado na dimensão sociocultural que perpassa a religiosidade popular.

Palavras-chave: Benzedeiras; Cultura popular; Religiosidade popular; Medicina erudita.

ABSTRACT

This article explores the role of faith healers at the intersection of culture, religion and folk medicine, based on scientific work already developed by Brazilian authors, such as Alberto Quintana and Gilson Xavier de Azevedo, among others that will be addressed in the development of the work. The article identifies the socio-anthropological locus of faith healers by analyzing their practices as social dimensions sedimented in the historical-cultural and religious process that persist and integrate contemporary erudite society. We use a qualitative approach of a bibliographic and hermeneutic nature, on the theme of faith healing practices in various regions of Brazil, specifically in the Northeast. The work demonstrates how these characters maintain relevance and resistance in a context marked by the institutionalization of health and religion. The faith healers, although marginalized by the official agents of the sacred and science, meet everyday demands not covered by the formal structures of society, reinforcing their permanence as agents of healing and meaning in the sociocultural dimension that permeates popular religiosity.

Key words: Healer; Popular culture; Popular religiosity; Erudite medicine.

RESUMEN

Este artículo explora el rol de los curanderos en la intersección de la cultura, la religión y la medicina popular, basándose en trabajos científicos ya desarrollados por autores brasileños, como Alberto Quintana y Gilson Xavier de Azevedo, entre otros, que se abordarán en el desarrollo del trabajo. El artículo identifica el locus socioantropológico de los curanderos al analizar sus prácticas como dimensiones sociales sedimentadas en el proceso histórico-cultural y religioso que persisten e integran la sociedad erudita contemporánea. Utilizamos un enfoque cualitativo de naturaleza bibliográfica y hermenéutica, sobre el tema de las prácticas de curación por la fe en diversas regiones de Brasil, específicamente en el Nordeste. El trabajo demuestra cómo estos personajes mantienen relevancia y resistencia en un contexto marcado por la institucionalización de la salud y la religión. Los curanderos, aunque marginados por los agentes oficiales de lo sagrado y de la ciencia, atienden demandas cotidianas no cubiertas por las estructuras formales de la sociedad, reforzando su permanencia como agentes de curación y de sentido en la dimensión sociocultural que permea la religiosidad popular.

Palabras clave: Curanderos; Cultura popular; Religiosidad popular; Medicina erudita.

1 INTRODUÇÃO

As benzedeiras são figuras centrais nas tradições populares brasileiras; elas atuam como mediadoras entre o sagrado e o profano, a doença e a cura. A partir desse pressuposto, o artigo tenta compreender e levar a refletir sobre o que define esse canal mediador do qual elas são possuidoras, e que acaba sendo o meio maior de resistência dessa prática milenar que é a benzeção.

No Brasil, as práticas de cura tradicional têm suas raízes no período colonial, quando diferentes culturas, indígenas, africanas e portuguesas se entrelaçaram, dando origem a um sistema de saúde singular no qual religião, espiritualidade e medicina se fundiram. Essa mistura cultural criou um cenário propício para o surgimento de um sincretismo único na sociedade brasileira.

Em tal contexto, surgiram diversos terapeutas populares, como benzedeiras, curandeiros, ervateiros e raizeiros. Este artigo concentra-se, especificamente, nas benzedeiras, analisando suas práticas de cura espiritual.

De acordo com a revisão bibliográfica que efetuamos, as benzedeiras atuam como verdadeiras generalistas da cura popular, tratando uma ampla gama de males físicos e emocionais. Vale destacar que, neste estudo, adotamos as terminologias utilizadas pelas próprias benzedeiras para descrever as enfermidades. Além de cuidar de pessoas, elas também benzem animais e objetos. Quando um animal adoece ou sofre um engasgo, por exemplo, seus donos recorrem a essas mulheres que, muitas vezes, realizam o ritual à distância, bastando conhecer os sintomas e a localização do animal. Há, ainda, registros de benzeduras em casas e estabelecimentos comerciais, o que evidencia a versatilidade dessas práticas.

A atuação das benzedeiras vai além das questões de saúde, abrangendo conflitos amorosos, problemas entre vizinhos e outras dificuldades cotidianas. Embora a religiosidade popular transcenda classes sociais, observa-se que essas práticas são especialmente presentes em comunidades rurais, onde diferentes grupos convivem e compartilham crenças, superstições e terapias tradicionais. Assim, pessoas de diversas condições socioeconômicas buscam nas benzedeiras soluções para males considerados "doenças de reza".

A persistência dessas tradições, especialmente no sertão nordestino, está ligada à forte religiosidade local, marcada pela fé em poderes transcendentais e na intercessão de santos populares. Muitos sertanejos fazem promessas e participam de romarias em busca de cura, reforçando o vínculo entre saúde e religiosidade. As benzedeiras, por sua vez, estão profundamente integradas à cultura de suas comunidades e, com elas, compartilham valores e crenças. Elas próprias recorrem a essas práticas quando

enfrentam enfermidades como "vento caído"¹ ou "solo de cabeça"². Dessa forma, agentes comunitários de saúde convivem tanto com a medicina acadêmica quanto com a medicina popular, o que resulta em um sistema híbrido influenciado pela fé e religiosidade populares. Quintana reforça o que acima foi exposto:

Tais práticas não são valorizadas no mundo acadêmico, sobretudo na área de saúde, não fazem parte daquelas atividades que devem ser levadas a sério, porém, na vida pessoal a situação é outra. É fora das salas de conferências, nos corredores, nos bares, nas conversas informais que elas marcam sua presença. Envergonhamo-nos de nelas acreditar, mas na calada da noite as procuramos as pirando ao impossível (Quintana, 1999, p. 14).

No Nordeste brasileiro, algumas benzedeiras são também reconhecidas em suas comunidades como "rezadeiras", uma vez que realizam rituais de cura por meio de rezas e salmos. Segundo Câmara Cascudo (2001), a benzedeira é geralmente uma mulher idosa, dotada de "poderes de cura", enquanto a rezadeira especializa-se em males como quebranto, mau-olhado e vento caído, utilizando ramos verdes que murcham ao "absorver" a doença.

Este artigo explora a benzeção como uma prática espiritual enraizada na religiosidade popular, marcada por rituais como rezas, procissões e romarias. Nosso objetivo é compreender a relevância desses rituais na atualidade e sua relação com a espiritualidade e a medicina convencional erudita.

Teoricamente, essa discussão é embasada por autores como Alberto Quintana (1999), que aborda a coexistência entre saberes científicos e populares na cura. Antes de nos lançarmos em um diálogo sobre a prática de cura dessas mulheres tratada neste artigo, é importante ressaltarmos que as benzedeiras não possuem formação acadêmica e seu conhecimento é transmitido oralmente, através da tradição familiar e da vivência religiosa. Aqui vale observar o que é afirmado por Itamar Lima:

Há uma contraposição entre o saber médico e os saberes populares de cura no Brasil... Sendo que o primeiro é pautado no saber erudito, adquirido nos cursos de medicina das melhores universidades do país

¹ "Vento caído" ou "ventre virado" são termos do vocabulário popular que se referem a uma crença popular sobre uma condição de saúde em crianças, associada a sustos ou desequilíbrios intestinais. É um termo comumente utilizado pelas benzedeiras em suas práticas de benzeção e cura.

² "Solo de cabeça" significa benzer alguém para aliviar dores de cabeça, especialmente aquelas causadas por exposição excessiva ao sol ou outros tipos de "quebranto" (olhado, mal olhado).

e/ou do estrangeiro, já o outro se baseia num saber tradicional de cunho mágico-religioso, que é resultante da experiência adquirida pelos múltiplos sujeitos de um grupo social ao longo do tempo (Lima, 2020, p. 98).

Na cultura popular, muitas vezes, as benzedeiras se situam em oposição à cultura oficial. “Seus saberes, transmitidos geracionalmente, refletem processos de assimilação e difusão cultural” (Lévi-Strauss, 1995, p. 67). No Brasil, as benzedeiras emergem da fusão entre tradições indígenas, africanas e luso-católicas. Suas orações e rezas contra todos os males que acometem o corpo físico, incorporam elementos do catolicismo popular embora elas operem fora das estruturas eclesiais, ou seja, da teologia oficial, controlada pela hierarquia da igreja romana.

Em nossos estudos, percebemos que, mesmo a maioria das benzedeiras declaradamente católicas, adaptaram rituais às demandas locais, ressignificando e reforçando uma das principais características da religião do povo brasileiro que é o sincretismo religioso.

Poderíamos dizer, com efeito, que esse amálgama de crenças distintas influenciou no modelo de Catolicismo do qual o povo brasileiro é adepto. Poderíamos ainda afirmar que as benzedeiras, curandeiras e rezadeiras brasileiras em suas práticas, corroboraram para inflexionar o modelo de catolicismo estabelecido na Europa, desde o início da política da Cristandade.

2. BENZEDURA E BENZEDEIRAS: O RITUAL, A CURA E O SAGRADO

A ciência da benzedura revela que a religiosidade popular brasileira se configura como um sistema multidimensional complexo, repleto de significados, no qual coexistem o empírico e o transcendente, o erudito e o popular. Nesse movimento de integralidade a prática da benzedura vai se desvelando e tomando sentido em meio a uma sociedade vulnerável, quando imersa na ausência de comprovações e validações das práticas humanas, apenas, pela ciência erudita. Conforme Minayo, “a realidade social é um lusco-fusco, mundo de som, brasas e luzes em que os atores revelam e escondem seus segredos grupais” (Minayo, 1999, p. 58).

A reflexão proposta por Maria Cecília Minayo – destacada pesquisadora em saúde pública e ciências sociais – apresenta uma analogia poética e significativa sobre a natureza da realidade social. Ao compará-la a um "lusco-fusco", aquela penumbra entre o dia e a noite na qual luz e sombra se confundem, evidencia a ambiguidade e os contrastes presentes nas interações humanas e nas dinâmicas coletivas. Segundo Minayo, grupos sociais, sejam instituições, comunidades ou culturas, estão sempre em um jogo de revelação e ocultamento.

Essa dinâmica se manifesta em rituais, discursos públicos e até nos silêncios que sustentam estruturas de poder. A metáfora sugere que a realidade não é totalmente clara, tampouco completamente obscura; ela é feita de nuances, como interesses não declarados, contradições e verdades parciais que influenciam a vida em sociedade.

Os indivíduos e grupos, nesse contexto, não agem de forma totalmente consciente ou coerente. Eles desempenham papéis, adaptam-se a diferentes situações e, por vezes, agem de modo contraditório, revelando a fluidez das identidades e das ações sociais. Essa perspectiva conduz a um entendimento da realidade como um constante jogo de luz e sombra, no qual a verdade é construída por meio de tensões e negociações, raramente se apresentando de forma absoluta.

No caso específico das benzedadeiras, o fascínio inicial pelo ritual da benzeção é um traço comum em suas trajetórias. Quando questionadas, muitas relatam que a motivação para aprender a "arte de curar pelas rezas" surgiu da admiração ao observarem mães, avós ou vizinhas realizando tais rituais e testemunhando seus efeitos positivos.

Sobre o aprendizado do ofício, Alberto Quintana, em seu estudo "A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise", aponta que o processo de formação de uma benzedeira geralmente ocorre de duas formas: por imitação ou por meio de experiências sobrenaturais. Esta última está ligada a eventos marcantes na vida da benzedeira ou a sonhos reveladores, nos quais conhecimentos sobre rezas e ensalmos são transmitidos. No entanto, a maioria dos registros pesquisados por outros autores menciona apenas o processo de aprendizado por imitação, destacando a transmissão oral e a observação como bases principais desse saber tradicional.

Essa aprendizagem está normalmente associada à presença de um mestre que, via de regra, é uma figura da família praticante da benzedura. mesmo que por intermédio de um mestre, essa aprendizagem continua ainda a ser assistemática, pois se inicia como uma brincadeira na qual a criança imita o proceder de um adulto benzedor (Quintana, 1999, p. 54).

Seja pelo método oral ou pela imitação, sem dúvidas a benzeção é sinônimo de tradição e resistência na cultura brasileira. A benzeção se mantém como um fenômeno cultural profundamente enraizado, atravessando séculos da história do Brasil e persistindo com vitalidade mesmo diante dos avanços da medicina moderna. Mais do que um simples ritual de cura, essa prática representa uma conexão entre o sagrado e o cotidiano, perpetuando-se como elemento fundamental no imaginário popular, especialmente nas comunidades sertanejas espalhadas por nosso país, onde preserva seu lugar apesar das transformações sociais e tecnológicas.

Sua longevidade não se explica pela carência de assistência médica, afinal, grande parte dessas populações rurais já tem acesso a postos de saúde, medicamentos e profissionais da medicina erudita. A força da benzeção reside, na verdade, em três pilares indissociáveis: a palavra (reza), o efeito simbólico (cura) e a convicção coletiva (fé). Juntos, esses elementos formam um sistema de significados que transcende a noção ocidental de tratamento, integrando corpo, espírito e comunidade. Brandão diz que “não é poque uma crença é verdadeira que uma comunidade inteira acredita nela; é porque a comunidade acredita coletivamente nela que ela é verdadeira (Brandão, 2014, p. 79).

Enquanto a medicina científica opera a partir de diagnósticos e protocolos padronizados, a benzeção trabalha com narrativas ancestrais, gestos ritualísticos e uma linguagem própria, capaz de acolher não apenas doenças físicas, mas também males "do espírito", como quebranto, mau-olhado ou "vento caído". Essa dimensão abrangente responde aos anseios que a medicina clássica nem sempre contempla, oferecendo respostas tanto para o sofrimento concreto do corpo físico quanto para angústias existenciais.

Além disso, a prática resiste porque está entrelaçada com identidades locais. As benzedadeiras, frequentemente mulheres idosas detentoras de saberes transmitidos por gerações, ocupam um papel social que vai além do terapêutico: são guardiãs de

tradições, mediadoras de conflitos e figuras de autoridade moral em suas comunidades. Seus rituais, seja com ramos verdes, cruzeiros feitos no ar ou orações murmuradas, reforçam vínculos comunitários e oferecem um senso de continuidade em um mundo imediatista e em acelerada transformação.

Assim, a benzeção persiste, resiste e se integra aos novos moldes sociais, não por falta de alternativas da medicina erudita, mas porque cumpre funções culturais únicas, conciliando o antigo e o contemporâneo. Enquanto houver fé que alimente suas rezas e pessoas que nelas encontrem conforto, essa tradição seguirá ecoando, revelando como o "Brasil profundo"³ reinterpreta a modernidade sem abandonar suas raízes.

3. FÉ: O NÓ QUE DÁ SENTIDO E VALIDA A PRÁTICA POPULAR

Pensar a prática da benzeção e pôr à margem a dimensão espiritual que perpassa essa tradição popular, que atravessa e resiste na história do povo brasileiro, seria uma tentativa que impossibilitaria compreendermos o sentido daquilo que fortalece e sustenta tal prática.

Os esforços para identificar as diferenças entre as terapias populares e as oficiais aparecem repetidamente na literatura, ressaltando aspectos mágico-religiosos como a principal distinção. Esses processos são frequentemente vistos como uma característica das terapias populares, ausentes na medicina erudita. No entanto, ao analisarmos mais profundamente percebemos que essa diferença não é tão clara; a presença de elementos de ordem religiosa também se faz notar na medicina acadêmica, como evidenciado por capelas em hospitais, crucifixos e Bíblias em unidades de terapia intensiva, além dos nomes de santos atribuídos a muitos hospitais e casas de saúde, que evidenciam uma presença – ainda que, às vezes, sutil – do religioso neste contexto.

A análise das relações entre a prática médica e as terapias populares das benzedadeiras revela uma separação forçada: a medicina erudita se associa ao empírico

³ Segundo Câmara Cascudo, historiador, sociólogo e antropólogo potiguar, o termo "Brasil Profundo" remete ao Brasil que existe, acontece e emerge a despeito da institucionalidade, do Estado, do funcionamento do mercado de trabalho formal e daquilo que as instituições oficiais estabelecem como o verdadeiro e válido. É uma característica de resistência do povo brasileiro.

cartesiano⁴, racional e biológico, enquanto as práticas populares são ligadas ao simbólico, ritual e social. Contudo, não existem práticas que sejam puramente científicas ou mágicas. Portanto, tanto as terapias científicas quanto as populares são influenciadas por processos mágico-religiosos.

Ao nos aprofundarmos no conhecimento das terapias populares das benzedeiras, começamos a perceber, com certo estranhamento, a medicina acadêmica também imersa em processos religiosos, presentes em práticas terapêuticas, formal ou informalmente. Isso levanta questões: essa conexão entre terapias e dimensões da religiosidade é necessária? Existe algo intrínseco no processo de cura que o vincula ao sagrado? E, se sim, como isso se relaciona com a doença e a cura? A busca por respostas a essas perguntas guiará as próximas linhas desse artigo.

Todo processo terapêutico gira em torno da doença. A medicina geralmente enfatiza que as doenças têm um componente biológico, ignorando a relação com o contexto social e cultural. Entretanto, a doença deve ser vista como um *continuum* que abrange saúde e enfermidade. Não se desenvolve apenas internamente, mas também em relação ao ambiente. Portanto, essa é uma prática relacional que ajuda a buscarmos abandonar a concepção dicotômica da realidade. Como afirma o romancista francês Antoine de Saint-Exupéry, “a penitenciária existe onde se dão machadadas que não têm sentido, que não ligam aquele que as dá à comunidade dos homens” (Saint-Exupéry, 1962, p. 31).

Embora a medicina clássica de bases cartesianas busque restringir a doença ao seu aspecto biológico, na prática, ela revela sua articulação com o social, abrangendo a dinâmica familiar, hábitos alimentares e costumes. Assim, a medicina erudita, em certos aspectos, reconhece que a doença vai além do biológico. Essa apartação entre empírico e transcendente no humano é, de fato, arbitrária, uma vez que ambas são dimensões que integram um humano – por excelência multidimensional e integrado – não se atém à concretude de um corpo. Nesse sentido, a doença não pode ser dissociada do contexto cultural, pois suas repercussões se estendem ao tecido social. Ela conecta a ordem biológica com a sociocultural, afetando o corpo e as funções

⁴ Termo que se refere a uma perspectiva filosófica e metodológica baseada no pensamento do filósofo da modernidade, René Descartes, caracterizado pela ênfase na razão e no método dedutivo para alcançar o conhecimento.

sociais. As relações sociais, como trabalho, vida familiar e percepção da doença pelos outros, também são impactadas. Portanto, a doença não se limita ao indivíduo, tampouco surge isoladamente do social.

As diversas sociedades buscam entender a causa da doença e dar sentido ao sofrimento, o que implica um desejo de encontrar significado tanto no mal biológico quanto nas circunstâncias de sua origem. A necessidade de um sentido, portanto, é intrínseca ao ser humano. Segundo alguns teóricos das ciências humanas, podemos afirmar que a distinção entre o homem e os demais animais reside em sua condição de vulnerabilidade ao nascer, sem uma programação genética determinante para o seu comportamento. Enquanto os animais possuem instintos fixos, os humanos se moldam através da interação com o ambiente. Essa condição inacabada do ser humano faz com que ele dependa de construções simbólicas para compreender o mundo que o cerca. Como diz Quintana, “a fala é a ferramenta através da qual o ser humano tenta superar sua vulnerabilidade, permitindo-lhe dar significado ao mundo” (1999, p. 83). No entanto, essa capacidade interpretativa é, frequentemente, ignorada na medicina erudita, que tende a tratar o paciente como um objeto. A presença do símbolo – nesse caso, da dimensão espiritual religiosa – é essencial em qualquer terapia, seja ela realizada por uma benzedeira ou por um médico acadêmico, pois a possibilidade de simbolizar experiências faz o incompreensível tornar-se algo tangível.

A cura e a restauração do sentido ocorrem, frequentemente, de maneira paralela, embora nossa sociedade tenha tentado separar esses aspectos. Historicamente, religião e medicina erudita estão integradas, mas essa integração foi se perdendo ao longo do tempo. A busca pela objetividade na medicina cartesiana levou à exclusão de aspectos subjetivos e transcendentais, reduzindo a doença a um mero problema orgânico e ausente de sentido existencial.

Apesar da tentativa de afastar a medicina clássica de suas raízes existenciais, essas dimensões não desaparecem; elas são, de fato, empurradas para um plano secundário. Ainda assim, a figura do médico permanece associada ao poder sobre a vida e a morte, simbolizando uma crença de que a morte pode ser controlada.

Essa aspiração da medicina de dominar a vida e a morte se reflete na busca por um controle técnico sobre a realidade, substituindo a necessidade de dar sentido ao

mundo por uma pretensão de controle. A medicina oficial, ao ignorar o aspecto simbólico, acaba perdendo o domínio sobre o universo simbólico.

Os procedimentos terapêuticos também podem servir para reconstruir códigos sociais e exercer poder. A dúvida em relação à figura do médico clássico erudito não é apenas uma questão de desconfiança profissional, mas um desafio a uma estrutura social mais ampla. As terapias populares – como é o caso das práticas de benzeção – são vistas como uma ameaça que deve ser combatida.

Assim, a separação entre terapias médicas científicas e as da cura popular, que é o caso das terapêuticas populares das benzedeiras, não se sustenta, visto que a doença implica uma ruptura no universo simbólico, levando à inevitável presença do sagrado. A questão não é se o sagrado está presente, mas como lidar com ele.

A última questão de toda metafísica desde sempre tem sido esta: se o mundo como um todo e a vida em particular devem ter um “sentido”, qual pode ser este e que aspecto deve tomar o mundo para se ajustar a ele? (Weber, 1944, p. 127).

A citação supratranscrita de Max Weber deixa claro que a dimensão religiosa imersa nas práticas terapêuticas populares das benzedeiras é, possivelmente, uma maneira de dominar o caos existencial que fragiliza o humano diante da morte e dos males que acometem o corpo.

A prática das benzedeiras que, na busca por restabelecer a harmonia multidimensional do indivíduo, em seus rituais de cura emprega métodos que fazem uso de rezas, plantas medicinais e outros elementos simbólicos, alicerça a tentativa de estabelecimento de uma distinção paradigmática entre tal prática e a medicina erudita. Também tem peso o fato de os seus diagnósticos não se limitarem aos sintomas físicos, mas considerarem também o contexto emocional e espiritual do humano.

A integralidade dos saberes, evidencia que não é um sistema de terapia sobre o outro que dará o sentido ao que se necessita para uma possível cura.

Enquanto a medicina convencional se mostra extremamente eficaz no tratamento de patologias orgânicas específicas, a terapia realizada pelas benzedeiras responde a

necessidades existenciais e culturais que, frequentemente, escapam ao escopo da prática da medicina acadêmica; elas inflam os processos terapêuticos de sentido e apertam os nós do que vai possibilitar a cura completa do humano. Esta análise permite compreender a persistência e relevância contemporânea das benzedeiras, especialmente em comunidades onde a doença é entendida como um fenômeno multidimensional que exige respostas igualmente complexas e integradoras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As benzedeiras representam uma face vital da cultura popular brasileira e do catolicismo popular, atuando como mediadoras entre o sagrado e o cotidiano, a doença e a cura. Suas práticas, enraizadas em uma tradição rica e multidimensional, não apenas desafiam a dicotomia entre saberes eruditos e populares; elas também evidenciam a importância da espiritualidade nos processos de cura. A benzeção, com suas rezas e rituais, transcende a mera aplicação de fármacos, abordando as complexidades emocionais, espirituais e existenciais que permeiam a experiência humana.

A presença das benzedeiras nas comunidades, especialmente nas áreas rurais, reafirma a necessidade de um sistema de saúde que respeite e integre as crenças locais, reconhecendo que a cura vai além do que é fisicamente palpável. A prática da benzeção, portanto, não deve ser vista como uma alternativa marginal, mas, sim, como uma abordagem complementar que dialoga com a medicina convencional erudita, propondo um modelo de cuidado mais próximo à integralidade humana.

A resistência das benzedeiras ao longo do tempo – mesmo frente aos avanços da medicina moderna cartesiana – é um testemunho do poder da fé e da coletividade, além de refletir uma busca por significados em um mundo frequentemente caótico e desprovido de sentidos. Assim, ao valorizarmos essas práticas, não apenas respeitamos a sabedoria ancestral que molda a identidade cultural brasileira. Outrossim reconhecemos a importância de uma medicina que abrace a totalidade do ser humano: corpo, cognição e existência. A benzeção, com sua rica tapeçaria de simbolismos e interações sociais, continua a ser uma expressão poderosa da resistência cultural e da busca incessante por cura e compreensão em um mundo complexo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. Nunes. **As rezadeiras**: quando a fé possibilita a cura - o poder de cura das rezadeiras em Teresina (1950-2000). (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- BEZERRA, Maria Luzinete de Lemos. **Sagradas mulheres**: mistérios, rezas e bênçãos: uma história de benzeção em Caruaru - PE. (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.
- DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.
- HORTA, Carlos Fel. **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Leitura, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- LIMA, Itamar da Silva. **Benzedeiras**: fé e cura no sertão. Belo Horizonte: Dialética, 2020.
- MINAYO, M. Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.
- QUINTANA, Alberto M. **A ciência da benzedura**: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos**: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Terra dos homens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.
- WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1944.